

BOA VIDA

Nem só de tintos vivem os enófilos

A julgar pelas vendas de três prestigiadas garrafeiras, consultadas pelo DN, o ano de 2005 mostrou que há um interesse crescente por brancos, *rosés* e colheitas tardias

① Duarte Calvão

Apouco e pouco, os enófilos portugueses vão descobrindo que o vinho não é só tinto. Pelo menos é o que se pode depreender do comportamento dos clientes de três prestigiadas garrafeiras portuguesas ao longo de 2005. Um interesse crescente pelos brancos, a sensação dos novos *rosés* durante o Verão, a curiosidade em experimentar colheitas tardias, são alguns dos indicadores desta mudança de atitude, ao mesmo tempo que os vinhos estrangeiros, nomeadamente os australianos, começam a ganhar algum terreno no nosso mercado.

Um dado animador diz respeito ao volume de vendas, já que tanto na Coisas do Arco do Vinho, no Centro Cultural de Belém, quanto na Vinho & Coisas (Porto) ou na Corpo e Alma (Quinta da Beloura, Sintra), os negócios foram melhores do que em 2004, com o período das Festas a correr especialmente bem. “Não tínhamos um Natal assim desde o ano 2000”, salienta Francisco Barão da Cunha, responsável pela loja lisboeta.

Os clientes da Coisas do Arco do Vinho foram os que tiveram um comportamento mais previsível: “Foi quase tudo tintos do Alentejo e do Douro, com algum Dão. Brancos não se venderam, mas os *rosés*, principalmente o *Redoma* e o *Quinta do Portal*, saíram bem no Verão. Os portos *vintage* 2003 também estiveram bem na altura do lançamento, em Julho”, resume Barão da Cunha, que elege o tinto alentejano *Canto X 2003* como o “campeão do ano” a nível de vendas.

No Porto, a Vinho & Coisas tem-se destacado pela gama de vinhos estrangeiros, que representam cerca de 40% da oferta. Australianos, seguidos de franceses, chilenos, italianos e espanhóis, são, segundo o sócio-geren-



Escolha Apesar das mudanças, os tintos do Douro e do Alentejo continuam os preferidos dos enófilos nacionais

te António Nora, os preferidos. “Nos portugueses, o Douro distanciou-se do Alentejo nos tintos, embora tenha sido um novo alentejano, o *Herdade dos Grous 2004*, a ter vendas mais espetaculares.”

A Vinho & Coisas registou uma subida nos brancos, nos *champagnes*

“Como agora há ‘vintages’ todos os anos, os clientes deixaram de achar piada à coisa, seja para consumo ou como investimento”

e alguns espumantes nacionais (caso do *3B* de Filipa Pato), mas sobretudo nos *rosés*, com o responsável da loja a dizer que “foi claramente o melhor ano de sempre” para este vinho.

Colheitas tardias portuguesas (*Grandjô*, *Esporão*, *Outono de Santa*) despertaram a curiosidade, mas também os *Sauternes*, *Ice Wines* canadianos, *Passittos* e *Tokaj*. Já os portos *vintage* 2003... “Como agora há *vintages* todos os anos, os clientes deixaram de achar piada à coisa, seja para consumo ou como investimento”, considera António Nora.

Na Corpo e Alma, Tiago Salas, um dos sócios da loja, refere um fenómeno curioso que se passou em 2005, como o novo tinto do Dão do produtor Álvaro de Castro, que leva o seu nome, a ser uma espécie de motor da

curiosidade dos clientes por outros vinhos da região, que se intrometeu na hegemonia duriense e alentejana.

“Os brancos também surpreenderam, sobretudo marcas como *D. Berta*, *Castelo d’Alba* e *Dolium*. Tornou-se frequente termos clientes que levam uma garrafa de tinto e outra de branco.” Também os *rosés* tiveram maior saída, sobretudo o *Monte da Peceguina*, tal como os colheitas tardias, com destaque para o *Grandjô* e o *Quinta do Alqueve*.

Tiago Salas salienta ainda a grande aceitação que os vinhos australianos estão a ter. “Parece-me que há cada vez mais gente a querer viajar através do vinho e neste ano vamos reforçar a oferta de estrangeiros, mantendo 150 referências de tintos portugueses e 100 de brancos.”